

14/12/2016 - 05:00

Sangue frio

Por **Angelo Pavini**

O fim de ano traz dinheiro extra para a maioria dos brasileiros, na forma de 13º salário ou de participações nos lucros. Neste ano, com 58% das famílias brasileiras endividadadas, a renda extra já tem destino certo para muita gente: pagar as contas acumuladas ao longo dos últimos meses ou até limpar o nome sujo na praça.

Mas há os que terão uma boa sobra, que poderá ser aplicada depois dos gastos de fim de ano e das reservas para as despesas extras do começo do ano que vem. E, como diz o poeta, se dinheiro na mão é vendaval, é bom pensar bem no que fazer, não se limitando a procurar a aplicação que rende mais. Especialmente quando há tanta coisa acontecendo, como reforma da Previdência, recessão, aumento do desemprego, Operação Lava Jato, eleição de Donald Trump nos EUA e crise política na Europa.



É hora, portanto, de fazer um balanço na vida financeira, ajustando os planos para o futuro, que devem incluir os objetivos de curto, médio e longo prazo. É a oportunidade de fazer um bom planejamento, incluindo o orçamento doméstico.

As opções para o dinheiro vão desde a tradicional renda fixa e o Tesouro Direto até investimentos mais sofisticados, como ações, imóveis ou até obras de arte. "Definindo o plano mínimo e as prioridades, o investimento certo surge", diz Mauro Calil, especialista em pessoa física do Banco Ourinveste.

"Podem ser fundos, ouro, dólar, poupança, qualquer coisa, não existe investimento perfeito, existe o investimento adequado aos seus objetivos e ao tamanho do seu bolso."

As pessoas devem encarar o 13º como oportunidade de reorganizar seu lado financeiro, seja olhando para o futuro, do ponto de vista de investimentos, previdência privada, seja para coisas de curto prazo ou até para quitar dívidas, afirma Mauro Morelli, superintendente de investimentos do Citibank. É uma chance de mudar hábitos, como contribuir com a previdência o ano todo, e não apenas em dezembro, diz.

Olhando para 2017, Morelli vê os juros reais atuais bastante atrativos na renda fixa, por isso vale a pena ter papéis do governo prefixados ou corrigidos pela inflação. O cenário de queda da taxa básica Selic, para 11,25% no fim do ano que vem e 10,5% em 2018, beneficia essas aplicações, que travam as taxas altas de hoje.

Morelli recomenda papéis mais curtos, até 2019, pela expectativa de alta dos juros nos EUA após a posse de Donald Trump, e que pode ter impacto no dólar e nas taxas brasileiras. "Um alongamento de prazos agora pode ser um risco desnecessário, é melhor esperar o juro americano se estabilizar e depois alongar", diz.

O processo pode levar alguns meses e, enquanto isso, o investidor deve aproveitar a volatilidade e comprar papéis quando as taxas subirem.

Morelli vê um ano de 2017 bastante instável, seja pela situação política e econômica brasileira, seja pelas surpresas que Trump trará nos EUA e do resto do mundo. "Vai ser um ano volátil, discutiremos desde eleições na França, retomada da economia aqui, Trump, vai ser um ano complexo, mas que também vai criar muitas oportunidades", diz. "Será preciso ter sangue frio, manter a liquidez alta e esperar o momento de entrar no mercado", afirma. Num ambiente desses, os fundos multimercados de bons gestores também podem ser uma opção.

Ele sugere também aplicações com benefícios fiscais, como os certificados de recebíveis do agronegócio (CRA) e imobiliários (CRI), além de debêntures de infraestrutura, emitidos por empresas, e que não têm imposto de renda sobre os rendimentos para pessoas físicas. Mas, como esses papéis não têm cobertura do Fundo Garantidor de Crédito (FGC), o investidor precisa escolher bem a empresa, pois vai correr risco de crédito, ou seja, de calote.

Ele não recomenda ações, pois o PIB do Brasil ainda vai crescer pouco em 2017, 0,6%, na estimativa do Citi. "Estamos em um momento de leve retomada, a bolsa antecipou isso este ano, mas o mercado não deve ter crescimento forte daqui por diante."

A primeira recomendação para o investidor é ter acesso a alguma plataforma de corretora para acessar o Tesouro Direto, diz Fernando Meibak, consultor financeiro na Sunrise Investments. "Vale mesmo para quem tem muitos recursos, pois vemos os papéis do governo como muito interessantes, não só pelo risco menor e pela boa liquidez, mas principalmente, porque vivemos em um momento de juros muito altos no Brasil", afirma.

Ele recomenda principalmente os títulos corrigidos pela inflação, o Tesouro IPCA ou NTN-B, que pagam juros reais de mais de 6% ao ano além da correção monetária. "São juros extremamente elevados e vale a pena travar essa rentabilidade acima da inflação", diz.

O prazo ideal dos papéis vai depender da idade do investidor, da disponibilidade dos recursos e de seus projetos, já que a ideia é comprar e manter o título até o vencimento. "Os mais jovens, que não vão precisar do dinheiro, podem começar comprando já 2035 e ir até 2050, e os mais velhos, mais perto da aposentadoria, 2019, 2024", diz.

Ele não recomenda ações e pede cautela também em fundos imobiliários, devido ao grande número de prédios ainda vazios. Meibak acredita que os preços dos imóveis ainda não atingiram o fundo do poço. Em vez de comprar imóvel, a recomendação é alugar e aplicar o dinheiro.

O consultor alerta que todos os investidores estão hoje com grande parte dos recursos em aplicações de renda fixa atreladas ao juro diário, Selic ou CDI, como fundos DI, LCI ou LCA. E isso não é bom diante do cenário de queda dos juros. Ele não recomenda concentrar as aplicações em títulos prefixados, pelo risco mais alto em caso de virada do cenário, mas vê ganhos em CDBs de bancos que pagam inflação mais juros, até o limite garantido do FGC, de R\$ 250 mil. Há ainda os papéis isentos de empresas, como os CRA e debêntures de infraestrutura, também corrigidos pela inflação mais juros reais.